

Sucessão no DF: novos contornos

Eduardo Balduino

Ao empossar o novo secretário da Indústria e do Comércio do Distrito Federal, mesmo não deliberadamente o governador Joaquim Roriz acresce ao cenário da sucessão ao seu próprio cargo cores menos parciais das que, até então, a seca do cerrado se encarregava de produzir. O deputado distrital José Ornellas assume a pasta já com missão bem delineada, e com a condição de poder deixar o cargo em 2 abril próximo, data-limite de desincompatibilização dos futuros candidatos às eleições de 1994. Como as águas que saudaram a passagem da sexta-feira 13 deste agosto, que marca mais Brasília do que o País, a responsabilidade cabida a Ornellas para viabilizar o processo de desenvolvimento econômico do DF, cumprida a contento, dar-lhe-á a condição de desobstruir as vias da corrida sucessória ao Palácio do Buriti, este hoje a maior vítima da baixa umidade relativa do ar que confere a Brasília não só o clima, mas também o vazio dos desertos.

Há, como em todo o País, um clima de espera para as composições que conformarão o quadro sucessório destas eleições casadas. Em apenas uma esfera respira-se desafogadamente, neste momento. Os milhares de prefeitos brasileiros sabem que, sejam quais forem as composições partidárias, os candidatos a cargos majoritários não sairão às ruas sem antes medir a temperatura municipal. Se em Brasília é diferente, o fortalecimento dos partidos com o advento da Câmara Legislativa é sinal vital para o quadro a ser definido. O governador Roriz conhece a receita, já que os dois votos do Partido Liberal do Poder Legisla-

CORREIO BRAZILIENSE ativo brasileiro lhes têm sido ministrados com efeitos positivos. José Ornellas, um destes votos, sai da Câmara para a Secretaria sob aplausos das oposições mais radicais ao GDF.

Sintomaticamente, Brasília amanhoeceu no último domingo rejeitando, em pesquisa que procura revelar o perfil ideal de candidato ao seu Executivo, ser cobaia de qualquer alquimia política que lhe pudesse revivar a enorme ressaca que a acometeu após os delírios da era Collor. Um candidato sem contra-indicações deve morar há muito tempo na cidade; ser pioneiro mesmo; engenheiro experiente (?). E político, o brasileiro quer um político como seu governador. A pesquisa, de qualquer forma, mostra tendências detectadas em praticamente todo o País. Se Brasília não mostra um quadro tão avassalador quanto o do Brasil, é o seu principal parceiro de risco; há mesmo os que, querendo cuidar da Nação, pensam em ministrar os remédios mais amargos na sua Capital — aprendizes de alquimistas com fórmulas tão incipientes quanto eles mesmos.

A unanimidade demonstrada para com Ornellas na Câmara Legislativa, principalmente durante a elaboração da Lei Orgânica do Distrito Federal, da qual foi o relator de um de seus principais dispositivos, o Plano Diretor de Ordenamento Territorial, traça neste momento um diagnóstico ideológico claro. As esquerdas que o aplaudiram como um dos mais sérios parlamentares têm sua própria ala pró-sucessão. Ainda sedados pela indefinição, alinham-se o PC do B, PPS, PSDB e PT. Os dois primeiros, pequenos, esperam o acompanhante a quem se submetem. O Partido dos Trabalhadores,

com ordem de olhar à sua própria direita, continua engessado em seus dogmas; é caso de isolamento. Por fim, mas não finalmente, o PSDB, que conta com a dona do maior coeficiente eleitoral de Brasília, foi literalmente atropelado e, sem os primeiros socorros, acaba de entrar na UTI sem forças para sustentar uma cabeça de chapa — e ainda tendo que assumir, possivelmente, a responsabilidade por um tratamento de choque indesejável a qualquer já impaciente eleitor.

Em outra ala, confortavelmente instalados, mas cuidados por uma mesma central, convivem, desde o nascimento do Poder Legislativo local, o PL de Ornellas; PP, PPR, PTB, PFL e o PDT — movimentados apenas por pontuais mudanças de leitos; juntam-se a eles, agora, o PMDB, que assume a cadeira do novo secretário, e o PV, que conta eleger no mínimo dois deputados distritais.

O ex-governador José Ornellas, único parlamentar brasileiro tido como representante do Plano Piloto — o maior colégio eleitoral do DF —, assume a pasta da Indústria e do Comércio com a incumbência de tratar do segundo principal mal da capital da República, que é a sua economia, criando as condições necessárias para a sua autonomia econômico-financeira, tirando o Distrito Federal da sempre degradante, e hoje injustificável, situação de dependência à União. Tendo aceito a missão por prazo determinado, a sua certeza em cumpri-la remete a uma releitura do quadro sucessório candango, sem o descuido de novos diagnósticos.

Eduardo Balduino é jornalista

25 AGO 1993